



**DACEC** Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/10/2020 a 05/11/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/10/2020	10,56	378,60	33,61	5,98	3,98
02/11/2020	10,50	375,10	33,19	6,07	3,97
03/11/2020	10,59	377,20	33,78	6,08	4,01
04/11/2020	10,79	385,70	34,39	6,06	4,05
05/11/2020	11,01	387,80	35,47	6,09	4,09
<b>Média</b>	<b>10,69</b>	<b>380,88</b>	<b>34,09</b>	<b>6,06</b>	<b>4,02</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	Média*	
RS – Panambi	160,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	148,00	
PR – Cascavel	148,00	
MT – C.N.Parecis	159,00	
MS – Maracaju	172,00	CIF
GO - Rio Verde	156,00	
BA – L.E.Magalhães	150,00	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	81,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	76,00	
SC – Rio do Sul	73,00	
PR – Cascavel	70,00	
PR – Londrina	69,50	
MT – C.N.Parecis	68,00	
MS – Maracaju	74,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	84,00	CIF
GO – Rio Verde	71,00	
GO – Jataí	71,00	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	82,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – Cascavel	77,00	

Período: 04/11/2020

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 05/11/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	73,16	160,12	79,35

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
05/11/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	102,00
Feijão (saco 60 Kg)	240,00
Sorgo (saco 60 Kg)	56,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,79
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,94

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Outubro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, para o primeiro mês cotado, após recuarem um pouco no início da semana, dispararam e romperam o teto dos US\$ 11,00/bushel no final da mesma diante da possibilidade concreta de vitória do candidato democrata Joe Biden nas eleições presidenciais dos EUA. O fechamento desta quinta-feira (05) ficou em US\$ 11,01/bushel, contra US\$ 10,51 uma semana antes. A atual cotação não era vista desde o final de 2014, ou seja, há quase seis anos. A média de outubro foi de US\$ 10,54/bushel, com 5,6% de avanço sobre a média de setembro. Vale lembrar que a média de outubro de 2019 foi de US\$ 9,25/bushel. Ou seja, a cotação média atual está US\$ 1,29/bushel, ou 13,9%, acima da registrada um ano atrás.

Soma-se a esta situação política as dificuldades de plantio na Argentina e parte do Brasil, devido a falta de chuvas; o aumento nos preços internacionais do petróleo nesta semana; a continuidade das compras chinesas; e a forte ação dos Fundos especulativos na ponta compradora de contratos de soja.

No caso político, a possível vitória de Biden deverá melhorar as relações com a China, devendo favorecer as exportações de soja e outros produtos estadunidenses para o país asiático, fato que está sendo precificado pelo mercado.

Assim, a proximidade do final da colheita nos EUA, com uma safra ao redor de 117 milhões de toneladas da oleaginosa (atenção ao relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 10/11), não é suficiente para reduzir as cotações.

Neste sentido, a colheita de soja nos EUA atingia a 87% da área total no dia 1º de novembro, contra a média histórica de 83% para esta data.

Já as exportações de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 29/10, atingiram a 2,08 milhões de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial 2020/21 os EUA já embarcaram 16,6 milhões de toneladas, contra pouco mais de 9 milhões um ano antes.

Aqui no Brasil os preços da soja continuaram seu processo de alta, porém, os mesmos são praticamente nominais já que não há quase soja disponível para comercializar. O balcão gaúcho fechou a primeira semana de novembro com a média de R\$ 160,12/saco (um ano antes esta média estava em R\$ 76,96/saco, ou seja, em 12 meses o preço da soja, ao produtor gaúcho no balcão, subiu 108%). Por outro lado, nas demais praças nacionais as médias atuais ficaram em R\$ 148,00 no Paraná; R\$ 159,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 172,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 156,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 150,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Além das altas em Chicago, o preço foi novamente auxiliado pelo câmbio no país, que permaneceu entre R\$ 5,65 e R\$ 5,75 por dólar em grande parte da semana. Soma-se a isso os prêmios nos portos nacionais e a falta de disponibilidade de soja para o mercado interno, o que continua forçando as empresas moageiras a elevar o preço local em busca de produto.

Além disso, apesar de o plantio ter avançado no Centro-Oeste e parte do Paraná, graças ao retorno das chuvas, no Rio Grande do Sul a seca continua atrasando o

mesmo, preocupando o mercado. Especialmente porque este problema climático também se faz presente na Argentina.

Desta forma, no Rio Grande do Sul, até o dia 29/10, o plantio atingia a 7% da área, contra 12% na média histórica para esta data. (cf. Emater) Como não houve chuvas nos dias que se seguiram, o atraso neste momento deve estar maior.

Por sua vez, no Mato Grosso o plantio mais que dobrou em uma semana, atingindo a 54% da área esperada durante a corrente semana. Mesmo assim, o atraso continua, já que a média histórica para esta época é de 68% semeado.

De forma geral, o Brasil avançou no plantio nestes primeiros dias de novembro, atingindo a um milhão de hectares adicionais por dia, chegando a mais de 50% da área total esperada, após atingir a 42% no dia 29/10. Com isso, em termos do país, o plantio já está conseguindo chegar à média histórica, após importantes atrasos iniciais. (cf. AgRural)

Vale ainda destacar que, diante dos extraordinários preços da oleaginosa, a relação de troca “soja x insumos” está apresentando resultado favorável em muitas regiões. No Paraná, por exemplo, a relação fertilizante NPK 04-30-10 passou de 20,73 sacos de soja por tonelada do insumo em setembro de 2019, para 13,34 sacos em outubro de 2020. (cf. Deral) Já no Mato Grosso, a relação da tonelada de fertilizante 00-18-18 passou de 19,43 sacos de soja, na média dos últimos cinco anos, para 13,12 sacos neste ano.

Em paralelo, a ANP brasileira informou que o país deverá fechar 2020 com uma produção de 6,4 milhões de litros de biodiesel, ou seja, 8,5% acima do registrado no ano anterior. Isso significa que o país moeu mais soja com este objetivo.

Enfim, as exportações brasileiras de soja somaram 2,5 milhões de toneladas em outubro, com um recuo de 51% sobre igual período do ano passado, pois a oferta do produto está cada vez menor no mercado nacional. Em setembro os embarques haviam alcançado 4,5 milhões de toneladas. Assim, no acumulado do ano de 2020 as do mesmo período de 2019. Esse volume teria gerado uma receita, nos primeiros 10 meses do ano, de US\$ 28,07 bilhões, quase 22% acima de igual período do ano passado.

## MERCADO DO MILHO

A cotação do milho em Chicago, para o primeiro mês, voltou a superar a barreira dos US\$ 4,00/bushel neste início de novembro, fechando a quinta-feira (05) em US\$ 4,09, contra US\$ 3,98 uma semana antes. A média de outubro ficou também em US\$ 3,98/bushel, o que representa um aumento de 9,9% sobre a média de setembro. A título de comparação, a média de outubro de 2019 foi de US\$ 3,89/bushel, o que significa que as cotações do milho mudaram muito pouco em um ano, registrando um aumento de apenas 2,3% no período. Um comportamento bem diferente daquele registrado na soja.

A colheita do milho nos EUA, até o dia 01/11, atingia a 82% da área total, contra 69% na média histórica para esta data.

Por sua vez, os embarques de milho, por parte dos EUA, chegaram a 721.623 toneladas, volume que ficou na parte inferior das expectativas do mercado. O total embarcado no atual ano comercial 2020/21, pelos EUA, chega a 6,9 milhões de toneladas, contra 3,7 milhões em igual período do ano anterior.

O mercado aguarda o relatório de oferta e demanda do USDA, o qual virá com atualizações sobre a safra estadunidense, assim como sobre os estoques finais naquele país.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram firmes e ainda com viés de alta. O balcão gaúcho fechou a semana com a média de R\$ 73,16/saco (um ano antes, a média no balcão gaúcho era de R\$ 34,18/saco). Ou seja, o preço atual está 114% acima do praticado um ano antes. Nas demais praças nacionais, os preços atuais do milho assim ficaram neste final de primeira semana de novembro: R\$ 73,00/saco na região de Rio do Sul (SC); entre R\$ 69,50 e R\$ 70,00 no Paraná; R\$ 68,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 74,00 em Maracaju (MS); R\$ 80,00 em Itapetininga (SP); R\$ 84,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 71,00/saco nas regiões goianas de Jataí e Rio Verde.

Já o indicador ESALQ/BM&FBovespa, que toma por base o preço da região de Campinas (SP), fechou o mês de outubro em R\$ 81,89/saco, com aumento de 28,7% no mês. O milho, neste indicador, já bateu o recorde real da série histórica diária, que se iniciou em agosto de 2004. A forte demanda interna; o Real fortemente desvalorizado, o que estimula as exportações; e a seca que se abate sobre as lavouras de milho de verão em muitas regiões do Centro-Sul brasileiro são as principais causas da manutenção destes preços do cereal.

Quanto a seca, no Rio Grande do Sul, Estado que teria alcançado 72% da área plantada no final de outubro, contra uma média histórica de 70% para a época, já há perdas consolidadas. Muitos produtores tentarão o replantio, porém, outros irão destinar a área para a soja, contando que a chuva venha logo.

Mesmo assim, em termos de Brasil, somando as duas safras, espera-se uma colheita final de 111 milhões de toneladas neste ano, contra 102,3 milhões no último ano. (cf. Stonex) Para tanto, o plantio da safrinha deve aumentar de área e o clima transcórrer muito bem, dadas as quebras no Rio Grande do Sul e Santa Catarina neste momento. A safra de verão, por enquanto, está sendo esperada, agora, em 27,1 milhões de toneladas, enquanto a safrinha chegaria a 83,9 milhões. Outros analistas, mais otimistas, avançam uma safra final ao redor de 116,4 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Diante do exposto, os preços, por enquanto, não deverão recuar, especialmente no sul do país, cujos dois Estados são importadores naturais do produto. Para o restante do país, e particularmente a partir da entrada da safra de verão em fevereiro/março, os preços irão depender muito do comportamento das exportações brasileiras.

Nota-se, portanto, que tanto para a soja quanto para o milho, a retirada da tarifa externa comum do Mercosul, visando importar produto mais barato de países de fora

do bloco, não está, por enquanto, reduzindo os preços aos produtores. Obviamente, a entrada concreta destes produtos no mercado nacional ainda irá demorar um pouco.

Quanto as exportações brasileiras de milho, segundo a Secex, o país teria exportado, nos 20 dias úteis de outubro um total de 5,2 milhões de toneladas, contra 6,6 milhões em setembro. A média diária em outubro ficou 18% abaixo da registrada em setembro, e 5,8% abaixo da registrada em outubro de 2019. O preço médio da tonelada em outubro chegou a US\$ 167,00. Em seguindo nesta tendência nos próximos três meses deste ano comercial (novembro, dezembro e janeiro) o Brasil poderá atingir a 34 ou 35 milhões de toneladas e enxugar os estoques, deixando o mercado interno pressionado. Caso contrário, haverá maior disponibilidade do produto na virada do ano, podendo forçar uma redução dos preços aos produtores. De janeiro a outubro o país exportou 25,3 milhões de toneladas. Assim, será preciso entre 8,7 a 9,7 milhões de toneladas a serem exportadas no somatório dos próximos três meses para que a meta seja alcançada.

## MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês pouco oscilou nesta semana, fechando a quinta-feira (05) em US\$ 6,09/bushel, contra US\$ 6,03 uma semana antes. A média de outubro ficou em US\$ 6,06, com aumento de 10,6% sobre a média de setembro. Em relação a outubro de 2019, a média atual é US\$ 1,01/bushel superior, ou 20% acima do registrado um ano antes.

A boa demanda internacional e as dificuldades climáticas em muitas regiões produtoras, caso da Argentina, da Rússia e da Ucrânia, dão sustentação às cotações neste momento.

Por sua vez, o plantio do trigo de inverno nos EUA atingia, no dia 01/11, a 89% da área esperada, contra 86% na média histórica. Do total semeado, 71% da área já estava emergido. Por sua vez, 19% da área apresentava condições entre ruins a muito ruins; 38% regulares e 43% entre boas a excelentes.

Já os embarques de trigo por parte dos EUA, na semana anterior, atingiram a 287.059 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado.

Na Argentina, a colheita avança, tendo atingido a 6% até meados da corrente semana, porém, o clima provoca perdas importantes, com a atual safra devendo ficar entre 16 e 17 milhões de toneladas. Se isso se confirmar haverá uma perda entre 23% a 27% em relação ao volume inicialmente projetado.

E aqui no Brasil, a colheita avança no Rio Grande do Sul, apoiada pelo clima seco. A mesma teria atingido a 60% da área, contra a média histórica de 46% para o período. As perdas, por enquanto, estão dimensionadas ao redor de 30%. A produtividade média, em muitas regiões, está ao redor de 35 sacos/hectare, havendo muita variabilidade, com a mesma oscilando entre 10 a 50 sacos/hectare. Devido a seca, parte do produto colhido tem mantido um PH elevado, acima de 78. Já o Paraná, onde a colheita está praticamente encerrada, deverá registrar uma perda de 20% em relação ao volume inicialmente esperado.

Neste contexto, os preços do cereal continuam firmes e em elevação no Brasil, em plena colheita. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 79,35/saco, enquanto no Paraná o produto de qualidade superior ficou em R\$ 77,00/saco. Segundo o Cepea/Esalq, o valor médio nominal do trigo em outubro, na negociação entre empresas, atingiu a R\$ 77,16/saco, com uma elevação de 11% sobre setembro e 54,5% sobre outubro de 2019. Já no Rio Grande do Sul, a média atingiu a R\$ 73,27/saco, ganhando 1,9% sobre setembro e 63,6% sobre outubro de 2019.

Por outro lado, a Abitrigo (Associação Brasileira das Indústrias de Trigo) constata que a perspectiva para 2020/21 é muito difícil para os moinhos, devido ao alto preço interno e ao encarecimento das importações, devido a alta nos valores internacionais e à forte desvalorização do Real, a qual encarece sobremaneira as importações do cereal.

Considerando a produção do Paraná em 3,2 milhões de toneladas, a do Rio Grande do Sul em 2 milhões, a de Minas Gerais em 250.000, a de São Paulo em 290.000, Goiás algo em torno de 140.000, Bahia mais 20.000 toneladas, e Santa Catarina 150.000 toneladas, o total brasileiro neste ano, sem considerar a qualidade do grão, pode chegar a cerca de 6 milhões de toneladas. Isso deverá exigir importações entre 6 a 7 milhões de toneladas em 2020/21 diante do atual consumo anual. E, neste contexto, o câmbio continuará a balizar os preços internos, a partir dos preços de importação, pois há razoável volume de trigo de qualidade inferior no total que está sendo colhido no país.

O Paraná já teria vendido cerca de 800.000 toneladas, faltando entre 2,2 a 2,5 milhões de toneladas a serem comercializadas. Por sua vez, Santa Catarina considera, diante da produção prevista, que terá de importar cerca de 250.000 toneladas, sendo 60.000 do exterior e o restante do Rio Grande do Sul e do Paraná. E no Rio Grande do Sul, as exportações do cereal devem atingir a 700.000 toneladas do total a ser colhido, pois cerca de 150.000 toneladas, inicialmente comprometidas com a exportação, teriam sido renegociadas pelas tradings e direcionadas para o consumo interno.